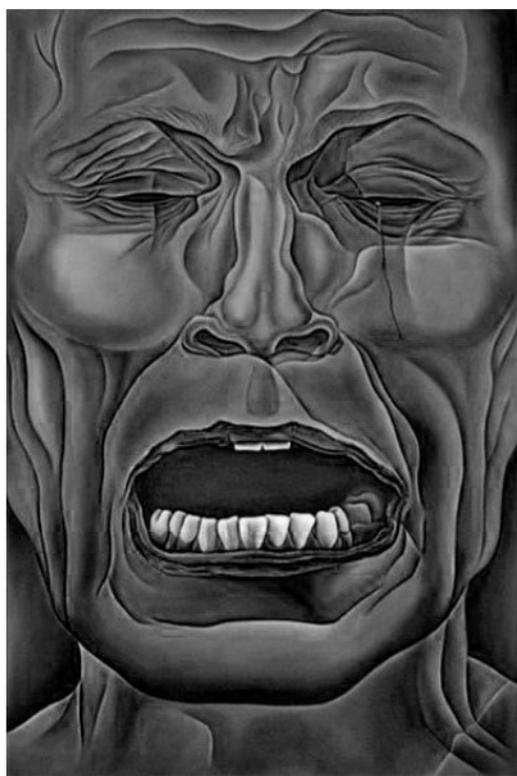




**SOBRE A CONDIÇÃO
MASCULINA
NO PATRIARCADO**



SOBRE A CONDIÇÃO MASCULINA NO PATRIARCADO

Introdução

Feira de Mulheres Anarquistas

**A importância de ser importante
Ofendidos e orgulhosos**

Josep-Vicent Marqués

**O homem contra o espelho
Sobre a alienação do homem**

Antón Corpas

A IMPORTÂNCIA DE SER IMPORTANTE

Josep-Vicent Marqués

Olá a todos e todas.

Vou propor algumas reflexões sobre a condição masculina, o que gostaria precisamente seria discuti-las depois.

O primeiro problema que me interessa expor é o seguinte: se afinal não há homogeneidade ao longo da história e das sociedades no que se há definido como masculino e feminino, e por outra parte o indivíduo não está convecido de que o masculino e o feminino é um produto social e não biológico, então, em que consiste a construção social do homem? Ou seja, em que consiste a essência do processo de socialização do homem como tal? Então, cheguei a conclusão de que o único que era comum em todas as sociedades é que, faça o que faça o homem nessa sociedade era definido como importante; ou seja, as mesmas atividades desenvolvidas em épocas diferentes por homens ou mulheres eram consideradas importantes nas sociedades em que as realizavam os homens, e não importante nas que as realizavam as mulheres. De modo que eu cheguei a conclusão, que ainda mantenho, de ue essencialmente a construção social do homem não é mais do que a transmissão de uma megalomania corporativa, u seja, de um delírio de grandeza de um setor social, em este caso o dos homens. Simplificando um pouco, diríamos que quando um bebê é identificado pelos seus genitais como homem, imediatamente lhe comunicam de formas mais ou menos sutis, lentas, que caiu no lado bom da moeda, que forma parte do coletivo importante dentro da espécie humana. Nesse sentido lhe informam que tem alguma coisa a ver com uma série de grandes e prestigiosos personagens, começando por deus Pai, passando pelo seu próprio pai, continuando pelo presidente do país habitualmente e, a partir disso, por todos os protótipos que ainda são assustadoramente masculinos.

Gostaria de insistir em um aspecto, talvez um pouco sofisticado, mas creio que sem ele é absolutamente impossível entender as coisas: por uma parte, para que o homem seja importante, alguém tem que não ser importante, que seriam as mulheres. Nesse sentido é evidente que a informação, “você é homem e ser homem é importante” equivale a afirmação “você não é mulher, e ser mulher não é importante”. Mas ao mesmo tempo há um aspecto no qual o próprio sistema faz uma espécie de armadilha pelo qual evita a comparação com as mulheres, de modo que a mensagem “ser homem é importante” chega a nós como se os homens fossem realmente importantes por alguma qualidade essencial diferente do fato de que as mulheres não sejam importantes.

Em consequência, a proposta que se faz ao homem é uma dessas duas. Ou considera que, como o homem já é importante e nesse caso, se escolhe esse lado da proposta pode levar uma vida relativamente cômoda, prazerosa, dando lugar a um tipo de sujeito que poderíamos chamar machista satisfeito; é o personagem que não se sente nunca incomodado em princípio, pela emancipação da mulheres, porque as mulheres como se sabe, são mulheres, ou seja, não há possibilidade de comunicação nem de confundir um com o outro. Ou o homem entende que como homem deve ser importante, ou seja, deve lograr o honroso título de homem sendo importante, fazendo coisas de importância.

Eu penso que a última coisa que desaparecerá do comportamento masculino alienado é precisamente essa obsessão pela importância, e essa situação pela qual o homem sempre se percebe a si mesmo como um sujeito particularmente transcendente, como um sujeito que sempre está fazendo tarefas de singular importância, e se não está fazendo as inventam. Uma das atividades que os homens mais gastam o tempo é falando de futebol, e evidentemente seria difícil provar que o futebol é algo realmente importante; no entanto, não há nada como ouvir os homens falando de futebol, como se realmente fosse algo importante, lhe dão toda uma linguagem como se fossem fatos memoráveis, incorporam um notável sensacionalismo, e realmente,

nada mais solene que uma conversação masculina sobre futebol, a qual rodeiam de uma particular importância para que afinal parece realmente importante. Deixo aqui alguns fios soltos para ir conectando a outras coisas que irei propondo a seguir.

O sujeito masculino, portanto, é educado sobre a base da importância do coletivo ao que pertence. Pois bem, que características têm esse coletivo? Que propostas têm o modelo masculino? Todas, com exceção de umas quantas coisas que dizem ser femininas? Todos os atributos vêm aplicados em princípio ao homem. O modelo de homem é, portanto uma mescla de deus e do diabo, dos futebolistas, dos heróis, de ator, etc. Além disso, curiosamente é uma atitude totalmente contraditória, ou seja, é masculino ser dinâmico, é masculino ser agressor e é masculino ser protetor, etc.

Olhando desde algumas perspectivas, o modelo pode ser visto como uma “caixa de moldes” como uma proposta totalmente megalômana. Eu fantasio uma espécie de processo em quase todos os homens, que seria mais ou menos o seguinte: enquanto o modelo é megalômano, ou seja, enquanto que se supõe que ser homem é particularmente excessivo, mais cedo ou mais tarde todo homem, ou indivíduo identificado pelos seus genitais como homem, mais ou menos capta que ele não se encaixa nesse modelo, ou seja, que ele não é como os detetives dos filmes, o último prêmio Nobel, o último recordista de atletismo, e que ele não é tão sereno e ao mesmo tempo tão agressivo, prepotente como o modelo, mas isso é o que nunca se faz; a solidariedade dos homens como o modelo masculino é absolutamente espantosa. Gostaria de discuti-lo no diálogo: Sempre houve muitos mais filhos burgueses ou inclusive burgueses que tomaram partido pelo proletário, do que homens que tomam partido pelas mulheres no processo de liberação. Porque? Talvez por essa espécie de círculo vicioso de aceitação de que ser homem é ser importante, nesse sentido está privilegiado uns 48% mais alto na escala social, ou seja, se pode ao menos presumir ser homem, se não pode presumir ser rico ou bonito, ao menos pode presumir ser homem; e aí está a tendência a não denunciar e sim a mascarar a questão da masculinidade.

Então, o que faz normalmente o homem? Ou melhor, o que é o que eu fantasio ou reconsidero (?) que o faz? Bom, de alguma maneira o que faz, o que fazemos, em um momento determinado normalmente na primeira adolescência, é fingir que ele se parece ao modelo e entrar em uma espécie de pacto tático com os outros coleguinhas, ou seja, eu acredito em sua ficção de que você é todo um homem, em troca de que você acredite em minha ficção de que sou todo um homem. Daí o papel da turminha e do grupo, como garante a masculinidade de todo o grupo, de cada um dos seus membros básico, e evidentemente isso se constrói, se constitui fundamentalmente na adolescência. Pois bem, uma vez que o homem faz isso imediatamente, ele se sente satisfeito: sua obrigação de ser homem é cumprida, porque outros da turma, seu grupo de iguais, lhe garante que ele é um da turma, que é um dos bons.

É assim como as coisas funcionam. A primeira coisa é que, imediatamente a amizade masculina está baseada em uma ficção, é muito mais fácil que aconteça a amizade entre mulheres já que a proposta do sistema às mulheres é que sempre rivalizem por um objeto sempre exterior a elas; mas ao mesmo tempo é uma amizade que está baseada em uma ficção e não no reconhecimento de com(?) cada um, e sim uma espécie de consentimento recíproco que se dão aos homens como supostos cumpridores do modelo masculino.

Pois bem, voltando a outro aspecto do modelo, não ao aspecto em que o modelo é quase (?) impossível de cumprir pelo ostentosos etc, e sim ao aspecto do modelo em que o modelo é contraditório. Bom, há uma atitude particularmente funcional dessa contradição, a sobre-abundância de características contraditórias associadas à masculinidade de qualquer homem, sempre que tenha um pouco de ousadia, possa se identificar a alguma parte do modelo masculino. Caracterizando um pouco, imagino a seguinte situação: um homem entra em uma discoteca, alguém que está ali lhe dá uma trombada e o joga contra a barra; Modelo de resposta nº1 - volta e dá

umas porradas no cara e depois vai dizendo aos amigos “Eu sou muito bom com os bons, mas com os maus sou muito mau e quem me procura acha. Um homem não pode deixar se humilhar”, etc, etc. Ou, o sujeito entra na discoteca, leva uma trombada, não tem vontade de brigar, calcula que o outro é mais forte ou simplesmente fez voto de não violência e diz: “Bom, eu sou um homem e ser homem é fundamentalmente ser uma pessoa serena, o que sabe controlar seus impulsos, não ser um desgraçado, um moleque que se deixa levar por qualquer coisa, etc, então que ser homem não é andar por ai brigando com todo mundo, e sim manter uma serenidade imperturbável, firme”, etc, etc. Ou seja, sempre há uma receita a que o homem pode defender de alguma maneira. Claro, quando acontece o contrário, quando o homem está neurótico ou deprê, sempre está o problema do que consiste a questão da masculinidade, ai está o problema de questionar se o indivíduo é ou não de verdade macho, etc.

Desse esquema saem mais coisas, mas há uma proposta básica nesse mesmo núcleo de socialização masculina. A de que o homem se oriente somente a quem também é importante. Nesse sentido, se poderia falar de uma espécie de organização social masculina; a proposta é que o homem preste atenção no que faz os outros homens, que são os importantes e não tenha interesse pelo que fazem as mulheres. Dai que inclusive em situações de educação simultânea o sistema patriarcal acompanhe de uma profunda e total ignorância por parte dos homens sobre mulheres reais. Todo espaço da relação real amputado por esse desinteresse fica substituído pela existência de um catálogo bastante numeroso e abundante de fantasias masculinas sobre as mulheres que suprem de alguma maneira a relação direta com elas. Dai que depois, quando o homem por razões sexuais, do trabalho ou de outro tipo tenha que se relacionar com mulheres não se entenda muito bem com elas, precisamente porque de alguma forma as está vendo através de alguns clichês que formam parte do que até certo ponto poderíamos chamar de inconsciente masculino ou cultura tática patriarcal.

Vamos ver uma questão que é importante dentro disso. Educado o homem como um sujeito importante é educá-lo como se fosse ser um chefe, e de fato a quase todo mundo, o pai disse alguma vez que seria ministro, general ou qualquer coisa que suporia mandar; o homem é educado em princípio como chefe e há um ponto que me fez refletir bastante: quando comecei a trabalhar sobre a questão dos sexos, partia de uma base um pouco elementar de que a mulher é educada como dependente, sempre como um ser para outros, enquanto que o homem é educado com um objetivo em si, ser independente. Com o tempo percebi que isso não estava claro. O homem é educado como dependente da dependência de outras pessoas, em particular das mulheres. Ou seja, dá a impressão de que a construção do homem supõe necessariamente de que outras pessoas dependam dele. Se não há ninguém que dependa dele, o homem se sente incômodo. É o lado amável da chefia, o prometem que seria chefe e necessita ser chefe de alguém; claro que, como sabemos, não há trabalho de chefes para todo mundo. Então é admirável a sabedoria, no sentido da harmonia interna do sistema patriarcal, que depois de educar os homens como chefes, os prometem algo bastante acessível, que é a chefia sobre uma mulher e sobre os filhos que tenha com ela. Assim, parece um pouco cruel, duro, parece que fabricam chefes e depois dão a cada um dele, se se comportam bem, uma mulher, e se se comportam muito bem lhe dão mais, podem então ter uma querida, uma secretária, etc.

Isso pode ser visto de uma forma muito mais elementar, que passa totalmente despercebida na ideologia da complementaridade; durante décadas aqueles que não queriam dizer diretamente que para elas a mulher era inferior ao homem, diziam que o homem e a mulher eram diferentes e se completavam; queriam dizer que a mulher era o complemento do homem, não que o homem fosse alternativamente o complemento da mulher. Eu creio que isso ainda não se perdeu na cabeça da maior parte dos homens, e seria muito estranho que isso acontecesse; desde pequenos nos ensinaram que o sujeito social era o homem e que o homem em todo caso se complementava através de uma mulher e por filhos. Em esse sentido a equação seria: João

+ Maria + as crianças = a João. Visto de outra maneira, o mecanismo seria o seguinte: Se você suficientemente homem, então conseguirá uma mulher e essa mulher ao mesmo tempo te ajudará seguir sendo homem durante toda a vida. A mulher apareceria em primeiro lugar como prêmio e em segundo lugar como prótese, ou seja, como algo que complementa o homem para que ele se pareça o mais possível à ideia que a sociedade tem desse homem. Claro, aí entram muitos mecanismos que vão desde as artimanhas do sistema para que os homens acreditem que são homens, para que acreditem que se aproximam muito, do que seria o modelo do que é um comportamento masculino.

A mulher tradicional tinha como missão não só as quatro ou cinco coisas que a sociedade deixava fazer: esfregar, lavar, amamentar e atender as crianças, mas sim suprir todas as deficiências do homem; e uma mulher de verdade, o que deve fazer é tratar de tampar todas as armadilhas e todas as falhas do seu marido sem que ele se sinta envergonhado ou humilhado porque ela o chame a atenção. A mulher tinha que fazer seu papel específico, por assim dizer, a de se dedicar a atender a casa e os filhos, mas suprir todos os aspectos em que o papel do marido falhava. Em último caso, se parte do papel masculino consistia em se fazer de provedor da família, a mulher em uma situação limite devia, ou aprender as técnicas de fazer croquetes etc, para aumentar a renda, ou em último caso se colocar em uma esquina quando o marido não tivesse vendendo, para que ele não sofresse por não poder cumprir como o provedor da família. Então afinal nesse esquema as mulheres teriam três funções para o homem: por uma parte a de prótese, por outra a de recompensa, e visto de outra maneira, a tarefa do homem.

Era função do homem ao conquistar uma mulher, manter essa mulher, proteger essa mulher e eventualmente com as filhas realizar a função de custódia da honestidade, comercialização da filha até que aparecesse outro que tomasse conta dela. A função do pai no que diz respeito à filha ficou admiravelmente expressada pelo ex-presidente Suárez, em uma entrevista muito amável que lhe fizeram ele deixou escapar o seguinte: “Não, minha filha mais velha, menos mal que já tem namorado”.

Devemos pensar que por debaixo disso está a angústia de um homem depositante em nome da comunidade masculina dessa mulher para retransmiti-la a outro homem; há que pensar na angústia até que a garota tivesse namorado porque, claro, se nesse meio tempo acontece algo inesperado com sua virgindade-valor comercial etc, era o pai que ia ficar mal diante do coletivo masculino. Portanto, para o homem a mulher era recompensa, prótese e dever. Bom, pois tudo isso de alguma forma está indo por água abaixo, ou seja, o sistema mantém muitos privilégios, restos de poder, discriminações etc., mas de fato o sistema está em quebra, e isso acontece porque as mulheres querem ser sujeitos sociais. Suas aspirações até o momento são bastante modestas, não querem que seja ao contrário, ou seja, Maria + João + crianças = a Maria, mas sim o que reivindica a mulher é ser um sujeito social pleno, assim como o homem. Claro que isso de alguma maneira seria irritante porque seria ficar sem a recompensa, sem a prótese e sem a tarefa.

A situação se poderia definir como grave se considerarmos que há 20 ou 25 anos atrás o homem tinha uma série de espaços laborais e recreativos reservados. Existiam uns modos de comportamento masculino, e existiam também os “maus modos” de comportamento. Os palavrões, por exemplo, eram sem dúvida masculinos e somente as donas de bares ou prostíbulos podiam falar palavrões à parte dos homens. Mas isso lhes proporcionava uma situação bastante cômoda, ou seja, em caso de dúvida com respeito à identidade de alguém, bastava comprovar a quantidade de coisas que as mulheres faziam: os espaços em que o indivíduo pudesse entrar comprovava que era um homem, inclusive os palavrões ou os murros que davam em cima das mesas, com os quais o indivíduo possa se identificar, ou outro tipo de comportamento que possa ser colecionismo sexual etc. Isto poderia supor, no entanto, uma situação muito tranquilizante com respeito ao problema de como resolver a questão da identidade masculina. Devo dizer que não

sou eu quem acredita que seja importante ter uma identidade masculina ou feminina, mas sim que isso é importante desde o mesmo momento em que a sociedade funciona diretamente assim. O médico não pensa em dizer a uma mulher em que acaba de parir: “Senhora, acaba de ter uma pessoa”, nem sequer pensa em dizer “teve um bebê” em sentido genérico, e sim que acaba de ter um menino ou menina, e a partir de aí começamos a ordenar nossos dados, a partir do que percebemos como identidade masculina e identidade feminina. E se alguém manifesta dúvidas entre um e outro, o fazemos um desgraçado ou desgraçada.

Não sei se conhecem a divertida experiência que se fez em uma universidade norte-americana no qual deram a mesma foto a dois coletivos de estudantes cuja composição de sexo e outras características eram idênticas. A um dos grupos disseram que a foto era de uma menina e ao outro disseram que era de um menino, e lhes perguntaram o que pensavam que estava fazendo a criança. Os que estavam com a foto da menina disseram que ela estava se queixando, os que ficaram com a foto do menino disseram que ele estava protestando. Era a mesma foto.

Voltando um pouco ao que estávamos discutindo: os homens tinham problemas de identidade masculina, de mal-estar com a própria condição, e era difícil que a tivesse em uma sociedade que, a parte do que já comentamos, de que o indivíduo sempre pode se refugiar em uma coisa ou outra; a parte do papel das mulheres tradicionais protegendo a masculinidade do homem, dizendo “que homem é meu João” e em último caso dizendo “que bruto é João” - tudo estava muito tranquilo e muito calmo. Mas de repente isso desaparece, ou seja, as mulheres invadem todos os espaços que antes estavam reservados ao homem; as mulheres parecem que vão fazer a mesma coisa que os homens. O papel do provedor fica em crise, e penso que isso é muito importante, porque boa parte dos aspectos mais desagradáveis da vida contemporânea, como o sofrimento por que passa um desempregado, em boa parte estão vinculados à crise do homem como provedor, ou seja do mal que costumam estar os homens desempregados, uma parte mais imputável (?) de que se sintam mais fracassados ou frustrados como homens na medida que não podem alimentar ou manter uma mulher, e não pelas características genéricas de estarem frustrados. E provavelmente boa parte do que chamou crise da aposentadoria, que se disfarçou dizendo que o homem aposentado se sente inútil, sente como se a sociedade não o necessitasse, penso que é mentira: a crise da aposentadoria aparece em muitos homens que sempre se preocuparam durante sua vida se a sociedade necessitava ou não deles; é a sensação de que já não pode alimentar ou manter a sua mulher o que está por debaixo disso. Sobre isso há um filme chamado “Com oito basta” ou algo assim, em que Jose Luís Lopes tem múltiplos empregos e tem muitos filhos; chega a casa e vê que sua mulher comprou uma máquina de costurar para ganhar algum dinheiro, então fica muito nervoso e diz que ele mesmo vai costurar, aceitando fazer um trabalho considerado como feminino antes que perder a definição básica do papel masculino, que seria o de provedor da família.

Bom, pois isso entrou em crise e então a questão é a seguinte: em que consiste então ser um homem se já não há elementos identificadores? A situação poderia chegar a ser um pouco deprimente, porque se poderia chegar à conclusão de que o homem não é mais do que, ou um inoportuno (o homem seria uma pessoa cujo excesso de testosterona o poderia fazer excessivamente agressivo, o que em uma sociedade bem organizada deveria ser considerado como suspeito; isto é um pensamento depressivo que poderia ter o homem sempre que acreditasse muito no tema da testosterona, claro) ou o que talvez pode ser mais grave, é que a única forma de definir o que é o homem, o homem é a pessoa que não pode gestar, parir, amamentar, ou seja, ficaria definido o homem simplesmente por uma carência.

Então vamos nos entregar por um momento a pensamentos pessimistas, poderíamos dizer que já está claro, o que acontece é que no fundo nós homens não somos mais que uma carência e tentamos disfarçar isso das formas mais peregrinas, nos reservando tanto as grandes honras e os trabalhos que nos ponham em superioridade com respeito às mulheres para mascarar o que

no fundo não é mais que uma carência. Isso poderia ser um pensamento fúnebre e a explicação de algo que se poderia definir assim: o homem para se sentir igual à mulher tem que se sentir superior. Ou seja, se analisamos o comportamento dos homens, temos a impressão de que uma situação de igualdade com a mulher o incomoda, daí que sempre tenha tentado estar em situação de superioridade.

Estou dizendo uma coisa que se pode observar no cotidiano, parece que o homem gosta ser ou aparentar mais inteligente que a mulher, ganhar mais que a mulher ou mandar nela; é porque há um pânico à igualdade e esse pânico só poderia vir de um profundo sentimento de inferioridade. De onde poderia vir esse sentimento? Poderia vir de duas fontes: uma, já comentei, a sensação de que o que nos diferencia das mulheres é nossa carência de ter um papel importante na reprodução. Eu penso que tem alguma coisa a ver com isso; é bastante consistente a suposição que há ou houve historicamente uma certa inveja do parto. Inclusive as interpretações históricas são geniais. Há uma interpretação que é clássica; o marido fica na cama com a criança que acaba de nascer enquanto ela atende as visitas, sempre foi dito que isso era um mecanismo de reconhecimento de paternidade. Ou não, talvez seja pura inveja diante do fato. Uma confissão: eu perdi 7 quilos durante o parto da minha ex-esposa e a verdade é que não sei se foi solidariedade porque ela sofreu muito, ou no fundo escondia um certo empenho de protagonismo, que eu também queria ter feito algo.

Bom, a outra possível interpretação desta sensação de inferioridade, que tentaria buscar sempre situações de superioridade estaria no famoso tema da mãe. Se supõe que quando nascemos somos pouco apresentáveis no geral e saímos de uma relação muito intensa com a mãe que nem sequer percebemos, e entramos em outra relação com ela. A mãe se converte em nosso sistema de alimentação, o veículo do nosso contato com o mundo, o início da primeira socialização; então a hipótese seria que isso nos gera tanto um desejo de volta ao útero ou de manter uma relação com mãe, como um enorme medo de ser absorvido pela mãe. A hipótese seria que, o sentimento com respeito à mãe é tão forte que, essa mãe se converte na mãe fantasmática que o homem vê detrás de cada mulher com a qual se relaciona.

A misogênia (teoria desenvolvida pela psicanalista francesa Gabrielle R...) seria a resposta dessa espécie de alienação masculina que vê detrás de cada mulher, independentemente da sua fortaleza ou do seu poder, vê ainda o poder da mãe e se produz portanto uma espécie de raiva com respeito a mulher e uma certa tendência a dominação. Por outra parte, essa ambiguidade poderia servir para explicar porque tantos homens, ainda que no momento em que conhecem uma mulher que os atrai, são os atributos eróticos e eventualmente as conversas, enquanto entram numa relação buscam uma certa mãe detrás dela; inclusive quando encontram a outra garota, gostariam de contar para a mãe, ou seja, conta para a legítima. Talvez porque ao mesmo tempo contraditoriamente a relação com a mãe é a única relação na qual o homem aceita que a mulher seja superior a ele. Talvez porque pensa que como é mãe é de confiança e não vai censurar sua eventual inferioridade; ou seja, para a mãe as falhas do filho não são atribuídas à falta de virilidade, senão em todo caso que ainda não se desenvolveu como um homem pleno como deveria ser. Ou seja, a mãe sempre dá uma margem de confiança. Com a mãe desaparece o medo que o homem tem a que a mulher o censure que não seja superior a ela, colocando os pingos nos is.

Isto significa que não há solução? Que nós homens sempre vamos resistir a ter uma igualdade com as mulheres? Eu creio que não. Eu penso que em primeiro lugar as mulheres também tiveram uma mãe mais ou menos encantadora ou sufocante, isso poderia ser uma base de reconciliação entre homem e mulher, um movimento anti-maternal até certo ponto, e em segundo lugar a inveja da capacidade da mulher de parir está também unida a uma superavaliação do próprio papel de parir, ou seja, está bem parir, é uma coisa útil, recreativa às vezes, amável, importante para a coletividade, mas não acontece nada se alguém não parir, começando pela mu-

lher, ou seja, somente na medida que o homem deixasse de ver as mulheres fundamentalmente como seres paridores, poderá superar seu eventual trauma de não ser ele um ser paridor.

Temos aqui algumas sugestões para uma reflexão terapêutica masculina. Pois bem, se não liquidamos as coisas, realmente a situação é alarmante. Ou seja, ser por uma parte se segue insistindo em que as pessoas se definem por sua identidade masculina, e afinal vão desaparecendo todos os sinais distintivos da sua identidade masculina; se não desaparece essa imagem do homem de se considerar como sujeito pleno que espera como recompensa, como prótese ou como tarefa uma mulher, então evidentemente a situação é dramática e é a situação de uma crise total do homem.

Eu não acho que os homens estejam particularmente deprimidos, alarmados ou aterrizados diante desta situação, e aparentemente se podem encontrar uma boa consciência esplêndida por parte do conjunto da população masculina. Às vezes gosto de cutucar alguns colegas lembrando-lhes que não conheço praticamente nenhum sociólogo que já leu inteira a obra de uma autora feminista, ou seja, não há um trabalho por parte dos homens de reflexão sobre a condição masculina. De todas as maneiras, estão muito tranquilas as coisas e nesse momento predomina dentro da ideologia dominante quase coletivamente admitido de que o feminismo está morto; que este bem uma certa época... (os que dizem que agora está morto, nessa época não diziam que fosse útil, sério, o que faziam eram queimar as feministas completamente); ou seja, há agora aparentemente, uma boa consciência masculina. No entanto, eu diria que também não está tão claro, que estes sinais de boa consciência masculina sejam de que tudo está em ordem.

Eu penso que se seguem fazendo muitas brincadeiras sobre feminismo e feministas, que os homens evitam uma conversa séria sobre o tema; uma coisa muito típica é quando há um grupo misto, sai o tema sobre os homens e as mulheres e imediatamente podem apostar como um dos homens diz alguma gracinha, dando uma cotovelada real ou telepática a algum desses homens, todos riem muito e já não se pode seguir falando sobre o assunto. Há uma fuga sistemática do homem com respeito a reflexão. A primeira coisa que publiquei sobre isto (deve ter sido em 79), publiquei em "O Velho Topo"; de fato ganhei o concurso de ensaio que apresentavam e disse a mim mesmo: "Acho que descobri o ovo de Cólón e saíram um monte de imitadores, porque o tema parece que vende bem...". Bom, pois é assombroso a quantidade de poucos seguidores que tive, a tarefa de reflexão sobre a condição masculina sob uma hipótese tão elementar como a de que o movimento feminista poderia ter algo que dizer também aos homens. Para mim o movimento feminista, como qualquer outro tipo de luta de qualquer coletivo, ao mesmo tempo em que defende interesses específicos de um grupo também supõe uma poartação ao conjunto, porque revela um aspecto da condição humana.

Então, para mim basicamente, o processo de liberação da mulher e especificamente o feminismo, mas além da luta pelos direitos da mulher, supõe a luta contra a restrição ridícula da espécie humana, dos dois modelos pretendidamente únicos que se chamam masculino e feminino. Eu penso que a luta pela liberação da mulher supõe também a possibilidade de os homens não estarem submetidos a um modelo que podemos ter vivido relativamente bem na medida em que isso vinha acompanhado de certos privilégios, mas que como modelo não deixava de ser uma exposição rígida, restrita e mutiladora da condição humana.

Teria-se a impressão ao ouvir ou ler alguns discursos de que o homem é realmente um sujeito durão, auto-repressor, seguro das suas emoções, etc. Parece se pensar que isso deve mudar, limitar a sua força, aceitar que os valores opostos são importantes. Às vezes o discurso crítico sobre o homem tem sido mistificante. Chamar-lhe a atenção sobre sua dureza ou sua incansável ambição tem sido, de certa forma, lhe apresentar como protetor de uma gloriosa limitação, como um doente mental em uma brilhante loucura. Poucos homens resistem a ideia de que, em algum sentido, os creiam mais fortes ou duros do que na realidade são. É melhor não seguir alimentando essa confusão. Atribuem-se ao homem concreto uma série de características que somente alguns homens e algumas mulheres possuem. Não há razão para tratar o homem ou para estudá-lo como se realmente tivesse as qualidades e defeitos que pretende ter. Poderíamos, pelo contrário, descrever o comportamento real do homem como um conjunto de sequências nas quais seus atos de submissão - ao poder, a outros homens - suas fugas - de sua mulher, de si mesmo, dos conflitos - suas claudicações, seus momentos de inferioridade diante de outro homem ou diante das mulheres, duas dependências, constituem a normalidade, sendo eles eventualmente atos de rebeldia, fortaleza, independência, ou meras exceções de liberdade. Não vamos dizer que o autêntico sexo forte seja a mulher, mas sim que há um conjunto de fatos da fraqueza dos homens como também há os da fraqueza feminina.

O que se converte então em problema científico é descobrir onde está essa fraqueza masculina. Não em qual é sua causa ou em que consiste, mas sim onde se esconde e foge da percepção dos próprios homens.

Como no conto, o rei vai nu. Mas todo homem é um rei: dizer que o rei vai nu significa dizer que o indivíduo vai nu. Cada homem, enfrentado com o Modelo-Imagem do homem, finge satisfazer seus requisitos, ignora que os outros homens fazem a mesma coisa e paga o preço da permanente suspeita de qualquer homem seja mais homem que ele. Mas outras vezes o sistema piedosamente evita o espetáculo da sua própria miséria. Como? Supondo que tentamos ler o sistema de dominação masculina como um sistema de mecanismos, que procura que o homem possa manter, inclusive diante de si mesmo, sua ficção de fortaleza e de sua superioridade com respeito à mulher. Não se trata de descobrir nada novo, mas sim de re interpretar e reorganizar os dados.

Consideremos alguns desses meios:

_ O casamento e em geral a família funcionam como refúgio do homem. A família é o lugar onde a fraqueza do homem pode ser manifestada sem alteração sensível da ordem masculina. A mulher e os filhos não contam como testemunhas da fraqueza.

_ Ao contrário, mas complementando, a família é a simulação de campo de batalha com a natureza e a sociedade. A guerra de um só homem. Um espaço para repreender e mandar. O cenário de fantásticas aventuras de domesticação da mulher e molde dos filhos à imagem e semelhança. Um território onde pode se sentir onipotente, generoso, justo ou moderadamente perverso, de volta ao mundo exterior onde não se é nada senão pura passividade.

_ A relação com a mulher, uma vez considerada como própria, tende a uma reconstrução, em parte real e em parte imaginária, da relação com a mãe. A mãe desculpa, compreende, não parece tentar entender, jamais critica o filho sobre falta de masculinidade. Diante da mãe não importa ser inferior. Um amplo conjunto de atitudes induzidas na mulher e reforçada pelos meios de difusão apresenta os problemas do homem sempre como problemas importantes. Uma prova, o serviço militar, um contratempo no trabalho seriam graves questões que fazem o homem ser digno de respeito ou de desculpa por suas fraquezas e não só por suas intemperanças. Ainda sendo oficialmente a mulher fraca, seria mais lógico que esta tivesse mais problemas, o mesmo problema é mais grave se acontece a um homem.

Parecida desigualdade de importância recebem as instituições e rituais sejam eles homens ou mulheres. Uma partida de poker é algo mais sério que uma partida de canastra. Falar de trapos carece da solenidade de falar de futebol. O homem pode passar toda uma tarde sem fazer nada mais do que falar besteiras e depois ir a sua casa com a impressão de ter tido uma dura jornada de singular transcendência.

_ A crise do casamento está regulada de forma que protege não só os direitos do homem e sim seu eventual psicológico indefeso. Um separado ou viúvo com filhos pequenos inspira solidariedade, convencimento de que precisa ajuda. A mulher só inspira compaixão. Em todos esses meios de proteção do homem, e em outros que poderíamos encontrar mais de um modo geral, a linguagem joga um importante papel cobrindo a imagem do homem em apuros. Assim, não é estranho que o homem se perceba muito mais encaixado a essa imagem de força que lhe propõe o sistema do que em realidade está. Em tais circunstâncias, é mais difícil que se perceba as desgraças parciais que lhe ocasiona o patriarcado do que sua pessoal condição de sujeito diferente dos dois modelos de homem normalizado de que comentávamos antes.

Conclusões, prognósticos e despedidas

Não é obrigatório, mas pode ser que seja gentil da minha parte apresentar algumas conclusões e inclusive pode ser que alguém deseje um prognóstico, uma explicação de como se sente um homem ao dizer isso, ou uma mensagem de esperança.

“Implicados em diferentes graus na ativação de um sistema em que todos eles formam parte do coletivo dominante, os homens sofrem as consequências desagradáveis da dialética do amo e do escravo, o ‘efeito boomerang’ da sua própria dominação a certas limitações muito notáveis das suas possibilidades ou de sua liberdade, certamente incômodas para quem estime esses valores. Muitos homens escapam de diversas formas ao duplo produto típico da socialização patriarcal, mas não constituem grupos cujos membros se reconheçam entre si, exceto os homossexuais, e dificilmente transforma seu ‘desvio’ em discrepância. Impugnar o sistema seria perder não só vantagens materiais, o que para alguns pode parecer ridículo, mas sim a identidade social e a compensação que proporciona o orgulho de ser homem. A mesma percepção das misérias da condição masculina vêm dificultada por mecanismos de proteção que lhes permitem se ver mais parecidos a como o sistema os define, do que em realidade são.”

Esta descrição-interpretação é fechada, mas ao mesmo tempo estática. O que ocorre se introduzem-se variáveis dinâmicas? A mulher resgatou partes dos seus direitos no exercício de profissões, o que derruba as hipóteses de inferioridade. A ideologia da força física resulta grotesca quando a grua e o container revelam sua superioridade sobre o robusto carregador. A senhora Thatcher vence um general. A reivindicação da mulher pelo prazer sexual arruína a crença de que toda mulher necessita de um homem e de que todo homem “cumpre”, etc. É neurose ou conscientização? Por agora os homens que percebem isso escolher a neurose. A neurose se alimenta como a ideologia da idolatria. Há uma tentativa de manter a supremacia masculina sem o truque das bobas evidências em que se vinham fundamentando. O patriarcado se fundamenta agora em uma masculinidade que não haveria que se confundir com os sinais habituais da masculinidade, algo suficientemente inapreensível para ser discutido - um aroma metafísico ou uma loção pós-barba. Também se poderia derrubar a dominação sem ideologia, essa atitude que se percebe às vezes nas novas gerações.

Não há prognóstico possível, talvez porque a crise econômica reforça o conservadorismo. Aqui agora que há o divórcio, não há trabalho para a mulher que se divorcia. O desempregado recupera sua identidade masculina como o que não pode manter sua família. Mas também com essa reafirmação está a crise da neurose. Não há prognóstico possível, e se não há prognóstico não posso eu, homem, saber se sou um traidor ou um pioneiro. Felizmente sou sociólogo.

Uma última dificuldade e passamos a uma mensagem de esperança.

O patriarcado propõe o orgulho de ser homem e a conformação da mulher. No caminho ao racional orgulho de ser pessoa, a mulher encontra o orgulho de ser mulher, a paixão pela liberação. Não há uma nova masculinidade, uma possível masculinidade autêntica. O homem só pode saltar a se perceber como pessoa, e esse salto lhe amedronta. Super protegido pela sua auto-satisfeita identidade social masculina, parece ter medo de perder sua identidade biológica nesse salto, o que poderíamos expressar muito graficamente.

Mensagem de esperança: ao menos em dias alternados, creio que seria muito grotesco que a matéria tivesse evoluído até a vida, e o protozoário até sujeitos capazes de criar e manipular símbolos para se estancar em um sujeito que ame mais o cerco paterno do que a liberdade. Se por acaso a evolução andasse um pouco lenta e não desse ao homem impulso suficiente para saltar a ser pessoa, lembre-se que quando se é perseguido pelo touro se dão saltos surpreendentes.

O homem contra o espelho

Reflexões impiedosas sobre a masculinidade

Antón Corpas

Em suas muitas divisões sociais, econômicas, culturais e através de gerações, ao homem foi entregue o domínio e a proteção dos seus iguais, das mulheres, e de outros homens, dos filhos e inclusive dos amigos, principalmente se estes são mais fracos. O homem forte, o modelo, adora ser o protetor de seus amigos, gosta de se mostrar grande e invulnerável diante de seus filhos. Tem que ser auto-suficiente e demonstrar. Se escolhêssemos esses componentes para resumir uma palavra estaríamos falando estritamente de um herói. Se buscássemos uma palavra que refletisse essa atitude, não haveria outra melhor: a virilidade. Mas tudo morreu, se desordenaram as palavras do seu texto, sua utilidade é nula, tudo era um sonho. O homem que fica desempregado e vê sua mulher limpar a casa de outros para manter a família, se deprime de uma maneira mais ou menos aguda. As situações extremas desnudam. Ao se aposentar, muitos homens descobrem uma mulher que esfrega, cozinha, move o dinheiro e ainda cuida das suas coisas... A superioridade virtual masculina é sua carga mais pesada, e a carga mais paciente, a que mais tempo espera para demonstrar o quanto é ridícula. Ninguém os necessita, homens, porque dão o que todo mundo pode buscar: trabalho, comida e dinheiro?

Os homens renunciam ao afeto, o que todo mundo pode dar a sua maneira, e exigem obediência, o que todo mundo odeia render. Os enganaram porque lhes tiraram o amistoso, inteligente e o emocional. Entregado o poder simbólico, os tiraram o substancial da vida, a aprendizagem básica. Desde pequeno lhe afastaram das mulheres as que pudessem querer, dos filhos que possam chegar a ter, e incluso dos homens que pudessem amar.

O tipo do espelho é um herói inacessível que nos empenhamos em alcançar inutilmente. Somente nos produz cicatrizes. Ao entrar em contato com sua caricatura, o homem dá lugar a um ser “abandonado” e furioso. O homem angustiado, porque não pode manter o domínio sobre os filhos. Ao progressista ou ao libertário que queira ser ao mesmo tempo, novo feminista e velho pavão real. Ou ao protótipo do maltratador, seres amigáveis no seu círculo de amigos, que se sentem fracos, e se descarregam detrás das paredes do lar golpeando a “sua” mulher e “seus” filhos. Perdemos a vida tentando imitar as características do herói e o herói é uma farsa. Os mesmos ícones que o representam são vulneráveis.

O pai, herói da infância, decepciona pela proximidade que nos demonstra seus defeitos. O esportista que no dia seguinte de fazer uma proeza em um exercício quase místico de virilidade e potência, é arrasado por uma dopagem, ou aquele ator de personalidade fraca na sua intimidade, que interpreta personagens de superioridade sobre-humana... O herói é um rabisco, não perseguimos mais do que uma caricatura do ser humano.

Destruir o espelho, para destruir a caricatura. Destruir o herói é destruir o HOMEM, para poder ser os homens. Trata-se de reclamar nada mais do que a verdade sobre nós mesmos, o direito a todos os nossos traços de identidade cegados e silenciados por um modelo fictício, melodramático e inútil.

O homem progressista radical ou libertário está dotado de um certo grau de auto-suficiência na sua vida, relações e escala de valores. Graças aos clichês que o permite o exercício retórico do feminismo, está desenvolvendo um profundo sentido cético das relações de gênero. Caminha hoje sobre a suposição de ter resolvido a postura sobre a questão homem-mulher, antes de ter sido solucionada a questão do homem mesmo. A igualdade obviamente, tem um emblema que protege com o discurso as contradições da prática cotidiana. Estes homens consideram toda crítica às suas atitudes, um exagero. Já cheguei a ver homens irritados por amigas não exercem com eles, as mesmas formas de afetividade que usam entre elas, como se

os códigos, formas, clichês, e sobretudo distâncias desenvolvidas ao longo dos anos, pudessem ser esquecidos por um bom exercício discursivo. Igualmente já vi homens reclamarem de que as mulheres empregam suas formas de afetividade para conseguir favores. Incluso é fácil ver casos em que reclamam das duas coisas quase que ao mesmo tempo. Afinal, é a frustração resultante do fato da mulher não satisfazer seus desejo.

O homem está educado para o seu próprio desfrute. Mas para valorizar-se utiliza mais a potência que o prazer como termômetro. Condicionados pela publicidade da pornografia, nossa auto-estima sexual vai em função, mais ou menos, do número de gemidos da mulher, entrando habitualmente em um jogo frustrante de simulações. Mas paradoxalmente, desde que o sexo é algo midiático, e se pode encontrar em todas as partes, nós homens somos uns ingênuos com respeito a ele. O sexo publicitário situa a penetração como um fim principal das relações afetivas.

Sobre a alienação do homem

A crença em nossa normalidade é precisamente um sinal de alienação

Se nós homens não estivéssemos alienados, há haveríamos entendido que, não somos mais do que uma das variações deformadas que produz através do sexo uma sociedade concreta. Nossa atitude não tem sido essa. Pensamos que o homem é normal, pleno, pessoa, ator consciente, modelo. Quando reconhecemos uma opressão sobre a mulher entendemos isso como algo que a impede se igualar a nós e quando não a reconhecemos protestamos diante do fato de que queira ser como nós. Esse nós não é nunca questionado, ou simplesmente reconhecemos que somos portadores da opressão sobre a mulher, e se não nos opomos conscientemente a sua liberação, já somos perfeitos. No entanto, falar da alienação da mulher sem ao mesmo tempo falar da alienação do homem não é muito diferente de se compadecer da miséria do operário propondo uma sociedade em que todos fossemos burgueses.

A intervenção masculina no debate sobre a opressão da mulher pode atribuir um papel de resistência à autocrítica e o de reprodução do nosso infatigável e patológico protagonismo.

Um homem escrever um livro sobre a mulher não é necessariamente um ato de paternalismo; nem que o livro seja escrito por uma mulher garante nada a princípio. No entanto, é suspeito que, basta que nós homens nos convencemos de que esta questão é séria, nos apressemos em tratar de curar a ferida, e acudimos apressados com bálsamos e sínteses do tipo “nós também estamos mal”, “temos que resolver isso juntos, homens e mulheres” ou “a culpa não é nosso, é do capitalismo”. Uma síntese proposta por quem é, ainda que involuntariamente opressor, e desde sua própria “normalidade” não pode ser nunca uma síntese superadora. No entanto, não vemos assim as coisas. E se nossos primeiros movimentos intervencionistas podem, e inclusive costuma, ser filhos da má consciência e da boa vontade, nos apegar a eles diante da rejeição das mulheres é mais um indício da nossa anormalidade. Alguém disse uma vez a Cánovas (um congressista): “Vossa senhoria é tão vaidoso que quando vai a um casamento quer ser a noiva, e quando vai a um enterro quer ser o morto”. Todos nós, os homens, somos Cánovas.

Assim, ir a umas jornadas de debate sobre a mulher não é um ato machista obviamente, mas nos irritar se por acaso não nos deixam entrar, sim é. Nossa compreensão de que o oprimido pode querer, ou inclusive necessitar ficar sozinho, desaparece quando esse oprimido é a mulher. O homem intelectual considera inoportuno participar de uma reunião de operários porque, ainda que não seja patrão não é operário, não tem dificuldade de intervir ou exigir sua entrada em uma reunião de mulheres.

As formas mais elementares, cotidianas e onipresentes da opressão masculina sobre a

mulher vão precisamente por aí: estar sempre sobre um referente masculino: ser filha de, namorada de, mulher de, acompanhante de, não sair sozinha, etc. Não entendemos isso, portanto não entendemos nada.

Pelo contrário, falar sobre nossa alienação poderia, além de agilizar a marcha da história, nos apontar algum consolo.

Presos em nossa própria armadilha, pode nos parecer que somente há duas alternativas: falar sobre a mulher sequestrando parcialmente o direito de que sua liberação seja obra dela mesma, ou nos calar sobre um tema que nos afeta. Nossa frustração diante do necessário e temido resgate do tema da mulher, pela própria mulher, não é mais do que a típica miopia do pensamento limitado pela ideologia. Vamos falar de nós e da nossa patologia. Só não se fala do normal, e nosso erro de opressores-oprimidos é nos considerar normal. Não somos: falemos de nós. Se vamos considerar, em algum sentido, oprimidos, se vamos pensar que todos somos marginalizados, com exceção do homem-burguês-heterossexual-cabeça de família, teremos que nos ver sem o espelho que nos serve de prótese, quebrar o espelho que nos devolve a imagem de um grande personagem que não somos, que não podemos ser, que ninguém deveria ser. Nossa imagem como heróis oculta nossa realidade como oprimidos e como cretinos. Nos faz prisioneiros, mas só o estritamente necessário para nos fazer carcereiros das mulheres.

“Diga-me espelho meu: sou eu o mais forte, inteligente e viril dos homens?” “Não. seu vizinho é mais bonito, seu primo transa mais, seu cunhado tem mais dinheiro, e seu chefe tem o pênis maior, mas você é um homem, portanto mais do que qualquer mulher”.

Para a maioria dos homens não burgueses, o espelho é um mal negócio, é a reconciliação iludida com si mesmo, o que Marx chamava de alienação. Oprimimos a mulher e obviamente obtemos vantagens disso. Mas somos opressores por conta própria, com escassa remuneração e participação somente nos benefícios espirituais da empresa. Queremos o espelho prótese. Daí então, nos encontramos com nossa própria pobreza de conceitos para analisar a miséria do homem. Trata-se de começar a romper com a ideia de que existe somente o problema da mulher, e que a questão está somente em, se são problemas da mulheres ou de homens e mulheres. Existe o problema do homem, a alienação do homem e se de alguma maneira há que qualificar sua singularidade, poderíamos resumi-lo em ser o opressor mais tonto e vaidoso da história.

Traduzido por Pensamento Crítico.



“Three faces of man” por Judy Chicago

FEIRA DE MULHERES ANARQUISTAS - 2019